

José Teixeira
ILCH-Universidade do Minho
jsteixeira@ilch.uminho.pt

Como Locuções Prepositivas se Disfarçam em Advérbios (classificação morfológica e tradição gráfica)

1. Palavra, grafia e morfologia

Uma das críticas fundamentadas que a Gramática Generativa começou por fazer ao Distribucionalismo (e que se pode estender à análise gramatical greco-latina que ainda perdura) foi a de que uma verdadeira ciência não pode ser apenas taxonómica, satisfazendo-se com apresentar classificações para as unidades que encontra.

Ora a tradição gramatical europeia foi, em boa parte, também taxonómica. E porque sempre se baseou nos textos escritos, tendeu, e tende, a identificar cada unidade a classificar com o conjunto de monemas que a norma ortográfica junta. Simplificando: aquilo que se escreve junto é uma palavra; cada palavra é uma unidade a classificar.

Só que há um problema: a "premissa" de que se parte ("o que se escreve junto") é bastante aleatória. Que critérios linguísticos presidem e enformam as normas ortográficas? Muitas vezes, estes critérios resultam de convenções impostas politicamente, onde se utilizam processos tão (in)fundamentados como o que se julga ser a tradição ou os chamados critérios etimológicos. No final, o resultado é sempre discutível, como o último (des)Acordo Ortográfico da língua portuguesa é um exemplo vivo.

A ser assim, talvez se justifique uma revisão de algumas classificações morfológicas que se foram sedimentando na dita gramática tradicional. Para tal, parecem-nos úteis determinadas perspectivas que a Linguística Cognitiva vem propondo, ao conceber toda a Gramática (ver, por exemplo, Langacker 1987) como um conjunto de mecanismos essencialmente significativos e não mais baseados primeiramente em critérios e relações lógicas pré-semanticamente estruturadas.

Dentro deste âmbito, poderão servir de exemplo alguns marcadores espaciais construídos a partir dos elementos-base *trás* e *cima* e que a morfologia tradicional tem muita dificuldade, em primeiro lugar, em reconhecer e, em segundo lugar, em classificar.

2. A origem dos marcadores espaciais

Ora se a tradição gramatical e lexicográfica se constrói sobre terrenos tão instáveis e movediços como os da norma gráfica, é muito natural que nas análises que propõe encontre problemas que, muitas vezes, se transformam em autênticas entropias para a classificação do sistema morfológico. A classificação morfológica dos localizadores espaciais apresenta-se, assim, como paradigma de alguma confusão, incoerência e, por vezes, da pouca adequação à função prioritária que tais unidades transportam— o processo significativo.

Em primeiro lugar, convém prevenir que procurar identificar os marcadores espaciais com uma classe gramatical única é, e será sempre, difícil, na medida em que não há marcadores espaciais feitos de raiz. Todos derivam de elementos lexicais, sobretudo nomes e verbos.

Svorou (1994) analisando muitas línguas de famílias e grupos diferentes descobre sempre o mesmo processo: os marcadores espaciais gramaticalizados (que denomina *spatial grams*) têm uma origem nominal ou verbal:

Based on the data from languages in my sample, as well as several other languages, two kinds of lexical sources of spatial grams were identified: nouns and verbs. Among nominal sources, several classes were identified according to the referent they encode: body part terms, environmental landmark terms, relational object-part terms, and finally, a few abstract spatial nouns. The correspondence of specific nominal sources to specific types of grams gives evidence for three models: the anthropomorphic, the zoomorphic, and the environmental landmark models. These models make universal claims about possible sources of types of spatial grams. (Svorou 1994:204)

A origem verbal verifica-se sobretudo em línguas dos grupos Níger-Congo, sino-tibetanas e altaicas⁽¹⁾. O processo será VERBO>VERBO EM SÉRIE⁽²⁾>CO-VERBO>MARCADOR ESPACIAL GRAMATICALIZADO (Svorou 1994:111).

(1)"The verb was identified as another lexical source of spatial grams. Although only a few languages give evidence for verbal sources, it constitutes an important source of information. In the relatively few cases I have encountered, similar grams emerge out of similar verbal sources. The majority of the spatial notions expressed by grams which emerge out of verbs, specify directions, path of movement, or end-point of movement. The only locative notion expressed by grams with such evolution are regional and proximal grams. Dynamic verbs encoding movements (actual or imagined) in specific directions evolve into directional grams. Similarly, stative verbs evolve into stative grams of regional and proximal notions. Two alternative routes leading from verbs to spatial grams were identified: via verb-serialization and co-verb stages to gram, and via a participial stage. The alternative routes represent different paths languages follow in the process of grammaticization. The data are not

A origem nominal segue um processo que pode ser assim esquematizado (adaptado de Svorou 1994:101):

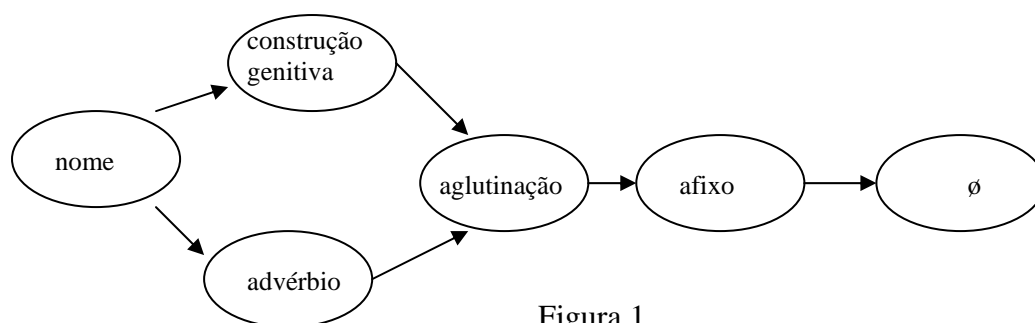


Figura 1

Em algumas línguas encontram-se mesmo os dois processos, o que segundo Svorou comprova que estes mecanismos são partilhados universalmente:

In fact several languages were found in which nominal and verbal models were both present, giving rise to the development of different types of grams. This suggests that the three models make predictions about universally available paths of evolution of spatial grams. Furthermore, the fact that languages may develop spatial grams either from nouns or from verbs suggests that spatial relations may be perceived by human beings either with reference to the physical and functional properties of entities, or with reference to the properties of movements. Grams which encode directional and path notions are predominantly verbal in origin, although there were some exceptions like the Papago "eye" used for DIRECTION TOWARDS, suggesting that the source verbs were 'selected' precisely because they referred to movement and that the directional and path notions are retentions of the original meaning of the verbal ancestors. (Svorou 1994:207)

Os marcadores espaciais do português, e concretamente os da direccionalidade frontal, seguiram o mesmo percurso derivativo: nos ligados a *frente* ainda hoje é constatável a parte nominal; nos ligados à vertente oposta, *atrás*, a ligação nominal ou verbal já será mais remota.

A este propósito, é curiosa a etimologia de *atrás* que Frei Domingos Vieira (Vieira 1871) apresenta:

ATRAZ, *adv.* (Do latim *ad retro*, ou *a tergo*; as fórmulas do provençal *arriere*, do catalão *arreira*, e do francez *arriere*, derivam-se de *ad retro*; porém a fórmula portuguesa deriva-se de *a tergo*, dando-

sufficient to lead to conclusive findings, but perhaps these differences also delineate typological dimensions". (Svorou 1994:206-207)

(2) "Serial-verb sentences consist of a subject followed by two or more predicates, where the first nominal is the subject of both predicates" (Svorou 1994:110).

se a metathese do «r» e mudando-se o «g» em «z» como em *gimbo*, por *zimbo* e *gabello* por *zabello*.)

Frei Domingos Vieira queria mesmo que houvesse alguma "lógica" na origem da palavra. E assim, apresenta-a como provindo do latim *tergum*, *i*, que significava *pele das costas*, *costas*. E o que lhe falta em verdade, sobra-lhe em imaginação, sobretudo nas voltas que dá e na ginástica etimológica que faz à palavra latina para tentar que ela vá desaguar na portuguesa.

Só que também na etimologia, muitas vezes, as origens são mais prosaicas do que se poderia esperar. Mas neste caso o prosaico é bastante significativo, já que a etimologia de *trás* ajuda a mostrar que a oposição com *frente* toma este último termo como referência. Na verdade, *frente* é o eixo positivo, sendo *trás* encontrado por oposição a partir (não cronologicamente, mas nocionalmente) do primeiro. Com efeito a etimologia de *trás* é "apenas" *trans* que em latim significava *para o outro lado*, *para além de*, *outro lugar*. Tinha portanto um valor de segundo termo por oposição a um primeiro. E como a *frente* é o termo positivo, *trans* aparece assim como uma espécie de eufemismo para referir a parte "negativa".

No latim, teria *trans* ligação ao verbo *traho* ("arrastar, puxar") e ao verbo *trajicio* ("arremessar para o lado de lá")? As letras *-h-* e *-j-* representam talvez a consoante constritiva que o *-s-* de *trans* ainda conservava. E reparando-se que *transno* significava "atravessar a nado", reconhece-se em *trans* uma força lexemática ainda muito grande, já que, só por si, a preposição constituía praticamente toda a raiz de vários verbos.

A origem lexemática de *trás*<*trans* pode ter sido, de acordo com o *Oxford Dictionary*, uma hipotética raiz indo-europeia **ter* que deixou vestígios no sânscrito (*tiráh*), no avéstico (*taro*) e no galês (*tra*). Esta raiz poderá ter estado ligada ao participípio do verbo **tro* (significando "movimento"?) como ainda se nota em *intro* (*in*=interioridade+*tro*=movimento), com o sentido de *entrar*, *aparecer*.

3. *Atrás*: organização morfo-semântica

3.1. A necessidade da existência do Configurante

É essencialmente à volta destas duas unidades (*frente/trás*) que se organizam os principais localizadores espaciais da linearidade frontal nas suas duas vertentes constitutivas. E organizam-se, combinando-se de várias formas com vários outros elementos, também eles marcadores espaciais, e que se costumam designar por *preposições*. A classificação

morfológica final do marcador espacial total vai depender dos elementos com os quais *frente/trás* se combinam e da forma como o fazem.

Tradicionalmente, as duas classes básicas onde se encaixam os referidos localizadores são a das preposições ou locuções prepositivas e a dos advérbios. *Atrás* oposto a *atrás de* é um exemplo paradigmático.

Para alguns dicionários, *atrás* é sempre advérbio (Morais, J. P. Machado 1981, Aurélio); outros, por exemplo o primitivo da Academia (1976), Caldas Aulete (Garcia, 1986), distinguem *atrás*-advérbio e *atrás de*- locução prepositiva; outros ainda (Vilela 1991) separam *atrás*-advérbio e *atrás*-preposição, acrescentando depois que *atrás*-preposição aparece como *atrás de* sendo, portanto, uma locução prepositiva.

A grande diferença, portanto, entre as facetas adverbiais e preposicionais de *atrás* está, nesta perspectiva, no facto de **aparecer** com *de* ou sem *de*. E dizemos **aparecer**, porque *atrás* implica sempre *atrás de*, embora, por vezes e por razões perfeitamente compreensíveis (e que se irão evidenciar) não seja necessária a preposição nem o elemento Configurante com que ela relaciona a Figura.

Mas vamos por partes.

Como toda a gente diz e se percebe, qualquer configuração espacial implica necessariamente duas realidades: uma que se quer localizar (a Figura) e outra que serve de referência a essa localização (o Configurante)⁽³⁾. Uma localização relativamente a nada é um absurdo.

A preposição *de*, nas localizações espaciais, é exactamente o indicador do Configurante relativamente ao qual se faz a localização. Só que se num processo de localização a realidade que serve de Configurante se impuser como óbvia, quer para o LOC, quer para o ALOC, então esse Configurante pode não ser expresso no corpo do texto, embora entre **obrigatoriamente** no modelo mental que configura a situação.

Por exemplo, na frase

1) Nesta etapa, o nosso ciclista vai atrás do camisola amarela.

atrás relaciona explicitamente a Figura (*o nosso ciclista*) e o Configurante da localização (*o camisola amarela*). Consequentemente terá que ser *atrás de*. Mas se LOC e ALOC estiverem a falar do mesmo camisola amarela e ele for tomado **indubitavelmente** como Configurante,

(3) Ver , a propósito desta nossa nomenclatura, Teixeira 2001: 240-244.

então esse mesmo Configurante não precisa de ser explicitado verbalmente, o que implica que a preposição de ligação *de* também não apareça:

- 2a) - Estás a ver o camisola amarela?
- b) - Estou. E o nosso ciclista está perto dele.
- c) - Mas está à frente ou atrás?
- d) - Está atrás, mas pouco.

Ou então

- 3) Estou a ver todo o pelotão e o nosso ciclista vem **atrás**.
- 4) Estou a ver o pelotão e o nosso ciclista vem **atrás** dos outros todos.

É por isso que é fácil demonstrar que *atrás* equivale sempre a *atrás de* e que a divisão feita entre o advérbio e a preposição é cognitivamente infundada. As definições semânticas dos elementos destes dois paradigmas (adverbial e preposicional) como aparecem nos dicionários são perfeitamente idênticas, não havendo nada que nos permita distinguir semanticamente *atrás*-advérbio e *atrás de*-locução prepositiva. Teste-se:

- a) Do lado oposto, para além do que está ou se figura na nossa frente
- b) Do lado oposto ao da cara de uma pessoa ou da frente de uma coisa.

Qual destas equivalências semânticas, do primeiro dicionário da Academia (o de 1976, constituído só pelo volume da letra A), é de *atrás*-advérbio e qual a de *atrás de*-locução prepositiva?

3.2. A equivalência semântico-pragmática entre o advérbio (*atrás*) e a locução prepositiva (*atrás de*)

Para tentarmos provar o nosso ponto de vista, vamos pegar em todos os exemplos de *atrás*-advérbio (sem *de*) que o referido Dicionário da Academia (1976) apresenta e ver se não poderiam aparecer em *atrás de*-locução prepositiva.

É natural que, por vezes, referir o objecto-Configurante faça com que a frase pareça um pouco "anormal", já que o normal é esse objecto-Configurante, porque evidente, não ser referido. Assim, por exemplo, quando o Configurante coincide com o local onde se situa o sujeito verbal ou o sujeito da enunciação, esse Configurante situa-se no ponto de referência relativamente ao qual uma configuração espacial é feita. Compreende-se, assim, que o LOC não tenha que referir explicitamente o seu próprio local/espço ao ALOC, já que

este o partilha ou o identifica na situação concreta de comunicação. O mesmo acontece quando o sujeito verbal é situado num local que é óbvio, tornando-se irrelevante indicá-lo:

5) Já andámos tanto e ainda não os encontramos. Será que estão atrás? (= atrás deste sítio em que nos encontramos agora).

6) Deu dois passos atrás (= atrás de onde inicialmente estava).

À esquerda aparecem os exemplos do dicionário. À direita, salvaguardando a redundância das construções resultantes pela indicação de um Configurante que se deduz, surgem os mesmos exemplos modificados com a explicitação, entre parênteses, do objecto-Configurante precedido da preposição *de*:

«Gente mais verdadeira e mais humana / Que toda a doutra terra <i>atrás</i> deixada» (CAMÕES, <i>Lusíadas</i> , II, 74)	«Gente mais verdadeira e mais humana / Que toda a doutra terra <i>atrás</i> (de si) deixada»
«Deixo, Deuses, <i>atrás</i> a fama antiga / Que co'a gente de Rómulo alcançaram» (IDEM, <i>ibid.</i> , I, 26)	«Deixo, Deuses, <i>atrás</i> (de mim/desta situação) a fama antiga / Que co'a gente de Rómulo alcançaram»
«F. deu dois passos <i>atrás</i> ».	«F. deu dois passos <i>atrás</i> (do sítio onde estava)».
«A resolução que tomámos é a única possível; e já não há que <i>voltar atrás</i> » (GARRETT, <i>Frei Luís</i> , p. 129).	«A resolução que tomámos é a única possível; e já não há que <i>voltar atrás</i> (desse momento em que foi tomada)»
«E Guadiana / <i>Atrás</i> tornou as ondas de medroso» (CAMÕES, <i>Lusíadas</i> , IV, 28).	«E Guadiana / <i>Atrás</i> (de onde estavam) tornou as ondas de medroso»
«Ao redor, <i>atrás</i> e adiante iam numerosas turbas» (M. BERNARDES, <i>Floresta</i> , I, p. 133),	«Ao redor, <i>atrás</i> (deles) e adiante iam numerosas turbas»
«a 'Bicha' tropicando adiante [...], a 'Carriça' <i>atrás</i> » (AQUILINO, <i>Via Sinuosa</i> , p. 88),	«a 'Bicha' tropicando adiante [...], a 'Carriça' <i>atrás</i> (dela)»
«O corredor que ia <i>atrás</i> já alcançou os da frente».	«O corredor que ia <i>atrás</i> (de todos) já alcançou os da frente».
«O Artur ficou distinto, e o irmão não quer <i>ficar atrás</i> »	«O Artur ficou distinto, e o irmão não quer <i>ficar atrás</i> (dele/dessa situação de distinção)»
«que não eram acontecidas em toda a Cristandade junta de cem anos <i>atrás</i> tantas e tais maravilhas» (L. DE SOUSA, <i>Hist. de S. Domingos</i> , I, p. 333)	«que não eram acontecidas em toda a Cristandade junta de cem anos <i>atrás</i> (dessa altura/desse tempo) tantas e tais maravilhas»
«de todas as velhacarias [...] só lhe lembrava uma: ter sido juiz o ano <i>atrás</i> » (T. COELHO, <i>Amores</i> , p. 59).	«de todas as velhacarias [...] só lhe lembrava uma: ter sido juiz o ano <i>atrás</i> (dessa altura/desse tempo)»
«No Canto <i>atrás</i> passado (se vos lembra) / No batel vistes já quase alagados / Este bom capitão com quanta gente / Naquela embarcação primeiro vinha» (J. CORTE-REAL, <i>Naufrágio</i> , p. 138)	«No Canto <i>atrás</i> (deste) passado (se vos lembra) / No batel vistes já quase alagados / Este bom capitão com quanta gente / Naquela embarcação primeiro vinha»
«Como já se disse <i>atrás</i> , o infinitivo pessoal é característico do português».	«Como já se disse <i>atrás</i> (deste sítio que lemos agora), o infinitivo pessoal é característico do português».

Restam as expressões estereotipadas (ou sintagmas fixos), das quais são apresentadas três: *marcha atrás*, *voltar com a palavra atrás* e *estar de pé atrás*.

Como é evidente, nos sintagmas fixos o sentido global não é formado pelo conjunto dos sentidos das palavras componentes, já que essas palavras não funcionam individualmente, mas como um todo⁽⁴⁾. Por isso, por vezes, os sintagmas fixos não suportam bem explicitações semânticas de qualquer uma das respectivas unidades. No entanto, é sempre possível tentar compreender o processo linguístico-cognitivo que tornou possível a existência de determinado sintagma fixo e o porquê das lexias que o compõem.

É interessante verificar que estes três sintagmas fixos reenviam para o mesmo modelo da frontalidade. Nos dois primeiros, o nome de origem verbal e o verbo indicam claramente que *marcha atrás* e *voltar com a palavra atrás* se baseiam no modelo do movimento⁽⁵⁾. A oposição *atrás/à frente* pode fazer-se relativamente a cada um dos pontos do vector desse movimento. Assim, num ponto considerado, L_i , *atrás* engloba todos os pontos anteriores do movimento e *à frente* todos os pontos posteriores:

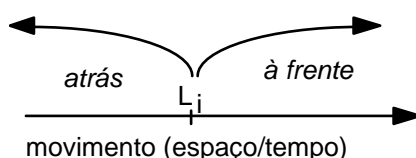


Figura 2

Deste modo, *marcha atrás* é uma marcha que permite ir para um ponto anterior a L_i , ou seja, **atrás do** local em que se está em determinado momento (mesmo que não tenha havido movimento, em *marcha atrás* L_i é sempre o sítio em que se está e a direcção do vector do movimento a orientação intrínseca do carro).

Em *voltar com a palavra atrás*, a palavra, ou seja, o discurso linguístico, é identificado com essa linha temporal. L_i é o momento em que surgiu o acto de fala (a palavra). A partir desse L_i "a palavra" existe; antes desse L_i não existia. Tentar invalidar ou anular a palavra implica situar-se num espaço/tempo em que essa palavra não existia, ou seja antes ou **atrás de** L_i :

(4) Não está aqui em questão discutir se nas expressões fixas o significado global resultante é muito ou pouco independente do significado das lexias componentes. Evidentemente que tal "independência" varia de expressão para expressão. Nestas, interessa-nos demonstrar que embora nos sintagmas fixos as unidades componentes possam ter perdido parte da sua autonomia semântica conservam ainda, mais ou menos, os esquemas e modelos mentais que as suportam enquanto unidades fora dos mesmos sintagmas fixos.

(5) Ver a descrição destes modelos mentais de *frente/trás* em Teixeira (2001).

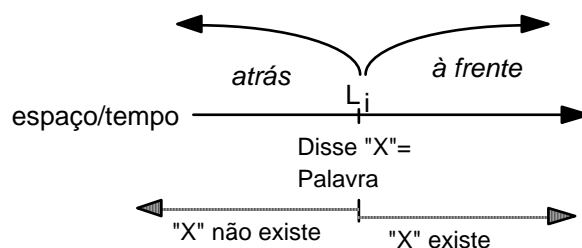


Figura 3

Este processo, bem assim como o esquema da figura 3 que o pretende representar, não implica que "funcione" assim cada vez que um falante utiliza a expressão *voltar com a palavra atrás*. É antes a tentativa de explicar o modelo cognitivo que suporta a referida expressão e mostrar como nela *atrás* também implica *atrás de* um Configurante, sendo, neste caso, Configurante= L_i . Ou seja: não é o processamento semântico de *voltar com a palavra atrás* que este modelo representa, mas o **percurso cognitivo** dentro da língua que o terá suportado, até porque o nosso propósito era provar que *atrás* implica sempre *atrás de*, já que nesta configuração espacial, expresso ou implícito, terá sempre que haver um Configurante relativamente ao qual a Figura é situada. Agora saber, nesta expressão, o que é que para os mecanismos linguístico-cognitivos do falante ainda permanece do modelo ou já é equivalência "fixa", parece-nos matéria difícil de destrinçar e que, talvez, varie de falante para falante.

Já vimos que os dois sintagmas fixos anteriores se inseriam no mesmo modelo de frontalidade, o modelo do movimento, facto previsível a partir dos respectivos núcleos semânticos, representados por um nome derivado de um típico verbo de movimento (*marchar*) e por um verbo que não implica apenas um movimento, mas dois (*voltar*)⁽⁶⁾. E embora em *estar de pé atrás* tenhamos um verbo estativo, temos também um lexema que entronca semanticamente com o próprio modelo cognitivo do movimento humano: *pé*. Ora é precisamente o movimento humano que através de implicações várias está na base do significado de *estar de pé atrás*.

Todo o movimento se inicia a partir de um ponto (L_i). Se o movimento for no sentido positivo da frontalidade (cara-peito-pés), a Figura fica *à frente*; se o movimento for no sentido negativo da frontalidade (nuca-costas) a Figura fica, depois do movimento, *atrás*.

Estar de pé atrás remete (no sentido literal que origina todo o modelo) para o início de um movimento em que o primeiro pé a mexer-se não se desloca no sentido positivo do movimento, mas no sentido oposto:

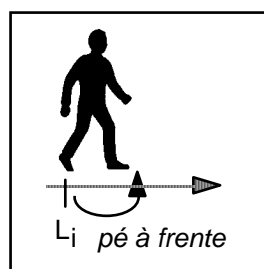


Figura 4

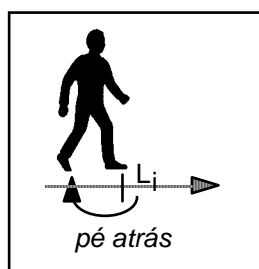


Figura 5

Ora esta posição contrária ao movimento habitual, positivo, precisamente por isso, porque não normal, implica determinados pressupostos psicológicos e determinadas consequências comportamentais que o ser humano, nas centenas de milhares de anos do seu processo evolutivo, aprendeu a associar: quando se enfrenta um perigo, para acautelar a fuga, se o medo prevalecer, o movimento tem de ser no sentido negativo em que se encontra (d direcção nuca-costas) e o primeiro movimento é o do pé para trás. Temos assim uma realidade física que aparece **vitalmente** (em sentido próprio) ligada a implicações físicas, a pressupostos psicológicos e a consequências comportamentais que o seguinte esquema procura inter-relacionar:

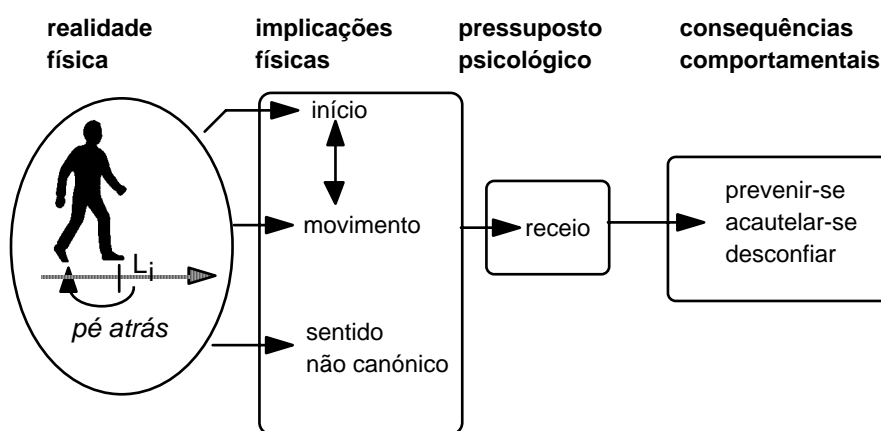


Figura 6

Em situações muito semelhantes, de comportamentos idênticos, originados por pressupostos psicológicos parecidos, causados por instâncias do mesmo género (tomar uma decisão importante, fazer ou não uma actividade, ou seja ir ou não "para a frente" com alguma coisa) é natural que a metaforização se imponha.

Tal como já foi referido, quando o falante utiliza a expressão *estar de pé atrás* não necessita de activar todo o processo como aqui aparece explanado. Todas estas

(6) Relativamente a *voltar* como implicando duplo movimento, ver Vilela (1989) e Teixeira (1995).

solidariedades valorativas se encontram associadas à expressão de uma forma já cristalizada, sendo *atrás* o núcleo dessa cristalização, pois é aí que reside o centro aglutinador que suporta os valores da negatividade direccional. O que tentámos foi demonstrar a síntese do processo que deu origem à cristalização hoje fixada na expressão e ver que a palavra-núcleo, *atrás*, foi tomada por um processo de metaforização só possível por *atrás* manter o seu valor de configurador espacial implicando uma Figura (neste caso, *pé*) e **obrigatoriamente** um Configurante (neste caso *L_i* relativo à posição inicial do movimento). Ou seja: *atrás* também aqui (na origem de todo o processo) tinha que valer como *atrás de* alguma coisa. Todo o resto do percurso é o normal processo metafórico que, curiosamente, apresenta exemplos verbais gémeos deste. Assim se o *pé atrás* em sentido físico é o princípio de *recuar*, também neste verbo podemos encontrar valores semânticos nocionais idênticos aos valores adquiridos pela expressão fixa até agora analisada.

3.3. Consequências morfológicas da não explicitação do Configurante

Se alguma dúvida tiver ficado sobre a identidade entre *atrás* classificado como advérbio e *atrás de*-locução prepositiva, comparem-se as entradas *detrás* e *detrás de* no dicionário Moraes (Moraes Silva, 1889). Embora apareçam como duas entradas diferentes, classificadas morfológicamente de forma diferente (advérbio/locução prepositiva), os exemplos inseridos em *detrás*-advérbio são quase todos com *detrás de* com a preposição explícita! Quem não acreditar, confirme (destacado mais a negro por nós):

Detrás, *adv.* (de *de+trás*). Na parte traseira; na parte posterior **de** coisa ou pessoa que a está vendo. «...e se quiserem trazer ballandraes ou capuzes, tragão sempre com elles escapullairos *detrás*, como de sempre trouxerom ...», *Ordenações Afonsinas*, II, título 104, § 6: «escondeu-se **detrás da** parede»; «Já deixa **detrás das** costas ou mete de baixo dos pés tudo o que costuma entristecer», António Vieira, *Sermões*, VII, 390. || Logo depois de: «veio **detrás de** mim»; «...viram sair de uma camera seis donzelas com tochas nas mãos e **detrás delas** vinham outras duas mui fermosas...», João de Barros, *Crónica do Imperador Clarimundo*, II, cap. 23. || O mesmo que *detrás*: «. ..usam o cabelo cortado nas fontes ao antigo português e por *detrás* muito comprido e atado no toutiço», Diogo do Couto, *Décadas*, IV, VII, cap. 8; «Por **detrás do** réu... via-se um homem», Teixeira de Vasconcelos, *Duas Facadas*, 131.

Detrás de, *loc. prep.* Em lugar posterior ou oposto a: «Adverti que na abundância do Parnaso não se faz conta dos mirões, como em as casas de jogo, das sevandijas, que olham em pé por *detrás das* cadeiras», D. Francisco Manuel de Melo, *Apólogos Dialogais*, 205; «Já se achava a pastora lá presente, |Quando Albano, *detrás de* um verde arbusto...», João Xavier de

Matos, *Rimas*, 163, 3ª ed.; «Dois homens, a cavalo, surgiram *detrás da* barranca», Coelho Neto (cit. de Laud. Freire, em *Dic.*, s. v.).

Repare-se que na definição semântica de *detrás*-advérbio apresentada está explicitamente referido o *de* do Configurante ("na parte posterior **de** coisa ou pessoa"), e dos sete exemplos, só dois é que não têm *detrás de* explícito: "escapullairos *detrás* (das costas)" e "cabelo [...] por *detrás* (da nuca/cabeça) muito comprido".

Como facilmente se reconhece nestes casos de localizadores espaciais a "diferença" entre o advérbio e a locução prepositiva é absolutamente nula, a tal ponto que aquele é preferentemente ilustrado com exemplos desta última. Tudo se reduz à contextualização explícita ou não do Configurante e por arrastamento à preposição *de* que o refere. O verbo *ler* não muda de categoria morfológica por o sujeito aparecer expresso ou não (quando for óbvio): *Eu li o livro* e *Li o livro* não só são consideradas a mesma frase, como o verbo é morfológicamente considerado o mesmo: é apenas uma questão de explicitação do sujeito. O mesmo se passa entre *detrás de/ detrás* e casos do género. Por que razão deverão ser estas unidades entendidas como categorias diferentes, com estatutos morfológicos diferentes como tradicionalmente a gramática distingue as preposições e os advérbios?

Aliás, estas duas categorias também não aparecem claramente distinguidas na gramática tradicional.⁽⁷⁾ Cunha e Cintra têm dificuldade em definir o advérbio. A forma encontrada foi dizer que "o advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo" (Cunha e Cintra 1984:537).

O "fundamentalmente" revela logo que o advérbio, a ser uma classe, é tão heterogénea que não há definição que a cubra. Mas a verdade é que nem aquela definição tão pouco comprometida serve para todos os advérbios, nomeadamente para os que aqui nos interessam — os que são configuradores espaciais.

Na verdade, estes últimos (e considerando *atrás de*, *detrás de* advérbios) têm por função situar espacialmente uma Figura (que pode ser o sujeito verbal), mas não "modificar" o sentido prototípico, nuclear ou básico (como se queira) do item verbal:

- 7) Ele morreu dentro de casa.
- 8) Ele morreu fora de casa.
- 9) Ele morreu atrás da casa.
- 10) Ele morreu defronte da casa.
- 11) Ele morreu à frente da casa.

⁽⁷⁾ Ver, a este propósito, Vilela, Mário, 1999, *Gramática da Língua Portuguesa* (2ª edição, (pgs.239-249) Almedina, Coimbra.

12) Ele morreu longe de casa.

Não se pode dizer que aqui o verbo sofre alteração no seu significado. O que muda é a localização do sujeito, mas o estado de coisas expresso pelo verbo é rigorosamente idêntico.

É certo que isto é totalmente diferente se o advérbio for de modo:

13) Ele morreu lentamente.

14) Ele morreu repentinamente.

15) Ele morreu bem.

16) Ele morreu mal.

17) Ele morreu conscientemente.

18) Ele morreu inconscientemente.

Impõe-se concluir que (muitos) localizadores espaciais só estão integrados no paradigma adverbial porque nele cai tudo aquilo que parece não caber nos outros.

Depois de tudo o que dissemos, incluindo a análise feita às expressões fixas, sobre o facto de *atrás* implicar obrigatoriamente uma relação Figura-Configurante, afigura-se-nos como não pertinente a distinção morfológica feita entre *atrás* e *atrás de* pelas razões que podem ser assim sumariadas:

1) *Atrás* implica sempre cognitivamente uma Figura e um Configurante relativamente ao qual aquela se situa.

2) Quando o Configurante é óbvio (ainda que intuitivamente) quer para o LOC, quer para o ALOC, pode não ser explicitado textualmente.

3) A não explicitação textual do Configurante implica obviamente a não explicitação textual da preposição *de* como partícula indicadora do mesmo Configurante.

4) De 1), 2) e 3) conclui-se que a única diferença entre *atrás de* e *atrás* é a indicação explícita e textual, ou não, do Configurante.

4. O núcleo morfológico: *trás* ou *atrás*?

4.1. A tradição lexicográfica

Que cronologicamente *atrás* resulta da junção da preposição *a(d)* com a preposição *trás* não é posto em questão por qualquer gramática de língua ou dicionário. As

conclusões e processos que decorrem desse facto (embora nem sempre explicitamente) é que não são idênticos para toda a lexicografia.

A maior parte dos dicionários elege *atrás* como a entrada central do vector, sendo a entrada *trás*, normalmente, pouco desenvolvida e entendida como a forma arcaica do actual *atrás de*.

Assim, no Dicionário Caldas Aulete (Garcia:1986) a entrada *trás* corresponde a cerca de um terço do espaço de *atrás*; no dicionário Aurélio (Ferreira, 2ª ed., s/data) apenas a um quarto e no dicionário Lello-Sistema J (s/autor, 1996) a um quinto. Em Moreno (1961) e no Dicionário Porto Editora (8ª ed., 1998) *trás* é quase inexistente, registando-se apenas a respectiva equivalência "atrás, após". Quando *trás* é exemplificado (o que raras vezes acontece) é sempre equivalente a *atrás de*. A respectiva pertença e exemplificação do conjunto das construções *por trás*, *para trás*, *de trás* apenas é feita em Vilela (1991) e no Moraes (Moraes Silva, 1949-1959). Este último, para além de referir a junção com *por* e *para*, indica também a possibilidade de combinação com *de* e *a*. No entanto, apenas apresenta exemplos das construções *por trás* e *para trás*:

Trás¹, prep. e adv. [...]

Precedido das preposições *a*, *de*, *por* ou *para* forma locuções adverbiais, significando também tempo ou lugar posterior, como nos casos em que aparece isolado: «O seu cabelo *por trás*, repuxado para o alto da cabeça ...» Eça de Queirós, *Os Maias*, II, cap. I, 14; «*Para trás*, *para trás*, sempre *para trás*, ia a turba reatravessando os pátios, tropeçando nos servos que matara...», Id., *Últimas Páginas*, 173; «O Sol espreitava *por trás* da cumieira das serras ...», José Augusto Vieira, *Fototípias do Minho*, 57; «A igreja, um largozinho e, logo *por trás* do povoado, o monte severo...», Raul Brandão, *Ilhas Desconhecidas*, 36; «Mas o hortaliçeiro dá *para trás* um salto estrondoso nos seus volumosos tamancos caiados de branco», Ramalho Ortigão, *A Holanda*, cap. 2, 47; «... e a primeira praça de Portugal perdida, voltaram *para trás* à pressa», Rebelo da Silva, *História de Portugal*, II, cap. 5, 390; «... o ichacorvos espantou os olhos, deu dois passos *para trás*, persignou-se atrapalhadamente e caiu por fim de joelhos», Arnaldo Gama, *Última Dona de S. Nicolau*, cap. 19, 381; «... com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas *para trás* ... », Aloísio de Azevedo, *O Mulato*, cap. 3, 52; «...quando os dias com o sol *por trás* da bambinela da bruma, leve e vaporosa cassia», Aquilino Ribeiro, *Por Obra e Graça*, 34; «...surgem *por trás* dos planos, as agulhas, os topos, as montanhas», Augusto Casimiro, *Portugal Crioulo*, 69.

Esta exemplificação não apresenta, como se vê, qualquer construção com *de+trás*, ficando nós sem saber se Moraes considera *detrás* e *de trás* duas estruturas independentes e se as duas ou apenas uma devem pertencer à entrada *trás*. Por outro lado, e dentro da mesma

problemática, por que razão indica a possibilidade de construção *a+trás* sabendo-se que a forma final só pode ser a aglutinada *atrás*? Considera *atrás*, tal como *detrás*, entradas morfológicamente equivalentes a *de trás* (que não exemplifica) e a *por trás* e *para trás*? Se assim fosse, não se compreenderia que na entrada *detrás* não apresente referência nem exemplificação de *de trás*.

A conclusão a tirar é que embora o dicionarista "sinta" e diga que a ligação entre *trás* e as preposições *a*, *de*, *por*, *para* resulta em locuções prepositivas linguisticamente equivalentes, ele só considera "palavras" aquelas que a tradição ortográfica escreve aglutinadas. E como o Frei Tomás do provérbio, faz coisas diferentes das que diz: *de trás* não aparece inserido nem em *trás*, nem em *detrás*; *atrás*, *detrás* são palavras independentes de *trás*, mas *por trás*, *para trás* (e *de trás*?) já não o são.

Em Machado (1981) transparece a mesma confusão gráfico-linguística:

Trás^l, *prep.* e *adv.* Após; depois de; em seguida; atrás de. || Precedido das preposições *a*, *de*, *por* ou *para*, forma locuções adverbiais, significando também tempo ou lugar posterior, como nos casos em que aparece isolado: *atrás* de nós virá quem nos louvará (provérbio). || *S. m. pl.* As partes do lado de trás; as traseiras de uma casa; os fundos de um edifício.

Repare-se que na definição lexicográfica há uma equivalência entre todos os constructos de *trás*. O exemplo apresentado até é com *atrás* (com aglutinação, naturalmente, mas que pela sua própria definição deveria ser considerado "locução adverbial"). No entanto, o dicionário possui entradas independentes apenas para *detrás* e *atrás*. E esta forma aparece com uma entrada independente (classificada como advérbio) depois de já ter sido incluída (sendo a única exemplificada, como se viu) na entrada *trás*⁽⁸⁾.

A aceitação da escrita como critério primordial para o estatuto de entrada lexical independente leva a opções morfológicamente incompreensíveis, como, por exemplo, a de incluir *trás!*-interjeição onomatopeica na mesma entrada de *trás*-preposição! E não é apenas um dicionário que o faz. Pelo menos, aparece assim no dicionário Lello-Sistema J (s/autor, 1996), no dicionário de Augusto Moreno (1961), no da Porto Editora (7ª ed.) e no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo (25ª ed., 1996).

Conclui-se, do que se foi vendo, que os critérios para considerarem como palavra ou locução os vários localizadores derivados de *trás* não são uniformes nem coerentemente aplicados lexicograficamente, sendo, simplesmente, a norma seguida, a ortográfica. Este

(8) Não deixa de ser também estranho considerar *trás* como um substantivo no plural, embora não apresente exemplos. Será por analogia com *as frentes*? O estatuto morfológico das duas unidades é, no entanto, bastante diferente!

aspecto reflecte-se posteriormente na classificação morfológica atribuída a cada um dos marcadores, o que leva, inevitavelmente, a uns serem considerados "independentes" e outros não.

4.2. O núcleo original (*trás*)

A forma primeira, *trás*, possuía originalmente a totalidade semântica do marcador espacial: relacionava uma Figura e um Configurante sem qualquer outro elemento localizador ou espacializante. As construções dentro do latim tardio e o uso arcaico no português, ilustram-no:

Em 960: «...uendimus uobis mediatatem de pomare que aueo *tras* rium comodo est in omniem giro...», *Dipl.*, doc. n° 79. p. 49. (Machado:1977, entrada "Trás")

«que tinha o juízo e sentido occupado em suas boas venturas, succedidas uma **traz** outra, e pedia a Nosso Senhor, que com alguma pequena desventura se purgassem.» Francisco de Moraes, **Palmeirim d'Inglaterra**, cap. 122. [...] «**Tras** este messageiro, que el Rei de Bintam mandou a Siaca, despachou doze lancharas pera irem em busca de George botelho» Damião de Goes, **Chronica de D. Manoel**, part. 3, cap. 89.[...] «Porque Laqueximena sahio logo **tras** elles com vinte lancharas bem esquipadas» **Ibidem**, part. 4, cap. 75. (Vieira 1871: entrada "Traz/Trás")

«...fazendo esgares, correndo pelo terreiro, saltando um *trás* outro», Duarte Barbosa, *O Livro*, I55, ed. de 1946; «... foi (Salomão) por lúxuria e amores de gentias *trás* os deuses dos Sidónios...», Samuel Usque, *Tribulações*, I, 27; «...Trás os cristãos se lança furiosa | Que já perto da boca vão da cava», Francisco de Andrade, *Primeiro Cerco de Dio*, XVII, 77. (Silva 1949-1959: entrada "Trás")

A estrutura morfo-semântica seria (como o quadro seguinte sistematiza) constituída por

Fg+*tras*+Cfg⁽⁹⁾:

Figura	TRAS	Configurante
pomare	tras	rium
uma	traz	outra
doze lancharas	tras	este messageiro
Laqueximera	tras	eles
um	trás	outro
Salomão	trás	os deuses
ela	trás	os cristãos

⁽⁹⁾ Fg= Figura; Cfg= Configurante

O domínio que *trás* ia exercendo no vector [-frontal] tornava o seu sentido pouco preciso: *trás*, relativamente a uma mesma Figura, indicaria, assim, tanto localização estativa, como localização-origem, localização-meta ou localização-percurso. Daí que a língua tenha sentido necessidade de reequilibrar o sistema antepondo a *trás* outras preposições que marcavam os vários tipos de localização não-frontal: *a+trás*, *de+trás*, *para+trás*, *por+trás*. O Configurante passa a ser precedido da preposição *de* que o marca como ponto de referência⁽¹⁰⁾. A estrutura morfo-semântica passa a ser agora

Fg+Prep+trás+de+Cfg:

Figura	Prep	trás	de	Configurante
O João está	a-	trás	de	a parede
O João está	de-	trás	de	a parede
O João está	de	trás	de	a parede
O João está	para	trás	de	a parede
O João está	por	trás	de	a parede

4.3. A estruturação global

Há, portanto, razões diacrónicas relativas à estruturação semântica e morfológica que indicam ser muito mais adequado entender o estatuto de um marcador espacial tendo em conta a rede de relações em que ele se insere e não apenas a forma aglutinada ou não como se escreve em determinada época.

Tal rede, quanto a nós, parte de um núcleo aglutinador, que é, ainda hoje, *trás*. Este sim, é a verdadeira forma nuclear a partir da qual outros marcadores sincronicamente derivam, nomeadamente, *atrás*, *detrás*, *de trás*, *por trás*, *por detrás* e *para trás*. O seguinte esquema pretende passar para o plano visual o plano morfológico inter-relacional:

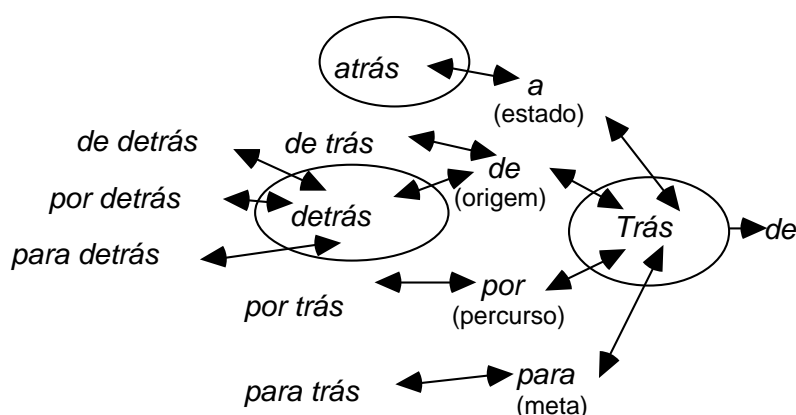


Figura 7

(10) No dicionário de Cândido de Figueiredo (1996) é referida a existência da construção *trás de* em Gil Vicente: "Trás de uma pulga andarás três dias".

Há razões cognitivas que explicam o porquê de *atrás* ser considerada a palavra nuclear destes configuradores espaciais: é o localizador típico, neste vector, para situações estativas. Representa, assim, os estados de coisas neutros relativamente ao movimento, ou seja, o "antes" do movimento. E assim, quando *trás* deixa de poder ser utilizado sem preposição anteposta, é *atrás* que faz, a maior parte das vezes, a equivalência: $Fg+trás+Cfg \Rightarrow Fg+atrás (de)+Cfg$.

Um outro núcleo aglutinador forma-se posteriormente a partir de *detrás*. Esta preposição trouxe a *trás* a vertente [origem] que pode implicar [movimento] (*andar de trás para a frente*), mas também, noutra valoração, o aspecto apenas relacional (não implicando [movimento]) que o mesmo *de* possui (*a porta de trás*). Desta forma, na vertente que não implica [movimento] mas apenas "relação", *detrás* torna-se equivalente a *trás* e a *atrás*, facto que embora ainda hoje se verifique, pode ser mais abundantemente documentado no português mais antigo.

Comprove-se o que foi dito com os seguintes usos:

«e se quiserem trazer ballandraaes, ou capuzes, tragaõ sempre com elles escapullairos detras, como de sempre trouxerom:» Ordenações Affonsinas, Liv.II Tit. 104, § 6.— «e entrando nella viraõ sahir de huma camera seis donzellas com tochas nas mãos, e detrás dellas vinhaõ outras duas mui fermosas» Barros, Clarimundo, Liv.II, cap. 23.— «usam o cabello cortado nas fontes ao antigo Portuguez, e por detrás muito comprido, e atado no toutiço.» Diogo do Couto, Decadas, IV, Liv. VII, cap. 8.—«Á meya noyte levantou-se o Mouro da cama, e foy-se á torre, e em começando de bradar, foy o mercador por detras, e tomando-o pelas pernas deu com elle da torre abayxo, o qual Mouro logo rebentou, e apoz elle lançou o presunto, e o vinho, e o melhor que pode se sahio sem ser de alguem sentido.» Fr. Pantaleão d'Aveiro, Itinerario da Terra Santa, cap. 43.— «Adverti, que na abundancia do Parnaso não se faz conta dos miroens, como em as casas de jogo, das sevandijas, que olhão em pé por detraz das cadeyras.» Francisco Manoel de Mello, Apologos Dialogaes, p. 205.— «Porque se virdes hum quatro com tres figuras atrás si valerá quatro mil reis, e se elle detrás de todas essas figuras valerá quatro reis.» Idem, Ibidem, p. 27. —«E porque neste tempo ouviraõ huma voz, que por detraz da fonte vinha cantando, suspenderaõ a pratica, por verem cuja era, e ouvirem a cantiga»FRANC. R. LOBO, PRIMAVERAS, p. 303.-«Vamo-nos por detraz deste vallado,/Hiremos encontrallas ao caminho.» IDEM, ECLOGAS, p.372.- «Já se achava a Pastora lá presente,/ Quando Albano, detrás de hum verde arbusto...» J. X. DE MATTOS, RIMAS, P. 163 (3.a ed.). -«Outra vez parto/C'os mais fieis dos meus, fui imboscar-me/Detraz d'esse escarpado, negro monte» GARRETT, D. BRANCA, c.v, cap. 19. (citações em Vieira:1871, entrada "DETRÁS ou DETRAZ")

A utilização de *detrás* é hoje bastante mais rara. Os dicionários ou não registam esta forma por não a considerarem fundamental (Vilela:1991) ou registando-a, referem apenas a equivalência que tem com *atrás*. Veja-se que, nos exemplos citados, há uma equivalência constante *detrás* = *atrás* e *por detrás* = *por trás*.

No português actual, *detrás* possui um uso prototípico que implica [ocultação]⁽¹¹⁾. É curioso verificar que (como se pode comprovar pela tabela imediatamente a seguir apresentada) nos exemplos dados em Frei Domingos Vieira (1871) este traço nem sempre estava presente:

Ex.	Forma	<i>detrás</i> =	[ocultação]
1º	<i>detrás</i>	<i>atrás</i>	[-]
2º	<i>detrás</i>	<i>atrás</i>	[-]
3º	<i>por detrás</i>	<i>por trás</i>	[-]
4º	<i>por detrás</i>	<i>por trás</i>	[+]
5º	<i>por detrás</i>	<i>por trás</i>	[+]
6º	<i>detrás</i>	<i>atrás</i>	[-]
7º	<i>por detrás</i>	<i>por trás</i>	[+]
8º	<i>por detrás</i>	<i>por trás</i>	[-]
9º	<i>detrás</i>	<i>atrás</i>	[+]
10º	<i>detrás</i>	<i>atrás</i>	[+]

No entanto, no português mais actual, os exemplos escolhidos pelos dicionários (para *atrás* e *atrás de*) são preferentemente os que envolvem [+ocultação]. Aliás, é esta vertente que ainda justifica *detrás* como núcleo das construções *por detrás*, *para detrás*, *de detrás*, que, embora preteridas (sobretudo as últimas duas) em relação a *por trás*, *para trás* e *detrás* podem aparecer quando o estado de coisas envolve prioritariamente [+ocultação]:

- 19) O rato escondeu-se por detrás do móvel.
- 20) O rato fugiu para detrás do móvel.
- 21) O assaltante saiu de detrás dos arbustos.

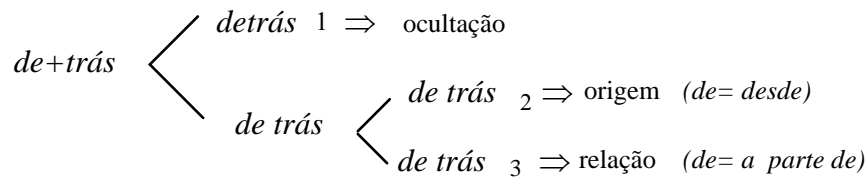
Este submodelo (podemos chamar-lhe assim) que envolve prototipicamente [+ocultação] é traduzido pela grafia aglutinada *detrás*, sendo *de trás*, por sua vez, representante, não apenas de um, mas de dois outros submodelos. Num, *de* traduz a vertente [origem] que é um dos elementos estruturantes à volta do qual se constrói o próprio submodelo, equivalendo a *desde*. Noutro, *de* representa apenas um elemento relacionante, equivalendo a *a parte de*. As frases seguintes inscrevem-se, respectivamente, nestes dois submodelos:

- 22) Ele não parava de andar **de trás** para a frente. (= desde (a)**trás** até à frente)

(11) Não confundir o traço [+ocultação] com [-visibilidade]. Este é um traço dominante na maior parte das ocorrências do vector não-frontal, mas não possui agencialidade, enquanto aquele sim. Por outras palavras,

23) A porta **de trás** está aberta. (=da parte de trás)

Temos, assim, para *de+trás* três submodelos



que poderiam ser assim esquematizados:

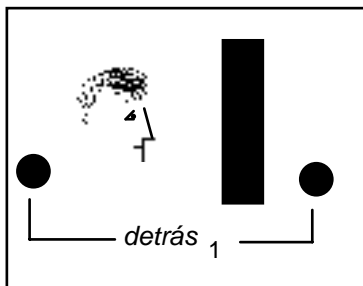


Figura 8

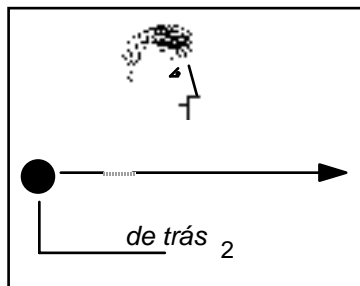


Figura 9

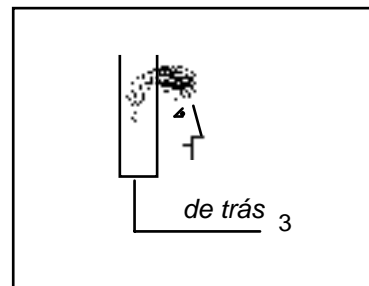


Figura 10

Note-se que em *detrás1*, o *de* não possui nenhum valor específico que modifique o modelo central do vector [-frontal]. Por isso, enquanto nos outros dois modelos o *de* não pode ser substituído por preposições diferentes (a não ser em *detrás2* pelo equivalente *desde*) em *detrás1* já pode:

- 24) O rato escondeu-se detrás do móvel.
- 25) O rato escondeu-se atrás do móvel.
- 26) O rato escondeu-se por trás do móvel.
- 27) O rato escondeu-se por detrás do móvel.

Isto indica que o mesmo modelo mental pode ser linguisticamente expresso por localizadores diferentes (*detrás*, *atrás*, *por trás*, *por detrás*) e o mesmo localizador (*de trás*) pode equivaler a modelos diferentes. O que leva a que não haja implicação necessária entre autonomia gráfica e modelização configurativa. Sendo assim, o esquema das várias realizações morfológicas do vector não-frontal que anteriormente apresentámos não deve ser entendido como a explanação de determinado número de modelos, mas antes como o conjunto das realizações morfológicas que traduzem tal vector. Diferentes formas

[+ocultação] implica uma acção consciente do género "X esconde-se de Y", enquanto [-visibilidade] não: X pode ser não visível para Y sem que qualquer dos dois tenha propositadamente feito algo para que isso aconteça.

morfológicas podem espelhar um mesmo modelo ou submodelo e uma mesma forma pode suportar mais do que uma estrutura espacial localizadora.

É neste sentido que defendemos que o núcleo semântico e morfológico deste vector é expresso por *trás*, ao qual se juntam essencialmente as preposições *a*, *de*, *por*, *para*, que orientam tal núcleo para, respectivamente, as vertentes estativa, de movimento, de origem, de percurso e de meta. No entanto, as várias formas daqui resultantes não são estanques: uma forma derivada pode cristalizar o sentido da forma original e passar ela a ser um novo núcleo morfológico mantendo o modelo original. Foi o que aconteceu quando *detrás* cristalizou o sentido de *trás* ficando seu equivalente. Por isso, a preposição *por* pôde juntar-se quer a *trás*, quer a *detrás* e obter duas formas morfológicamente diferentes que podem expressar o mesmo modelo mental:

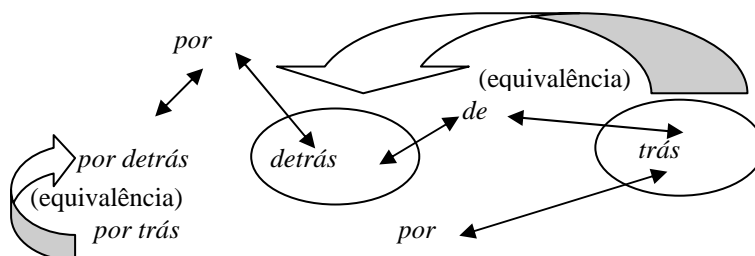


Figura 11

Os dicionários não espelham a organização inter-relacional dos modelos (ou submodelos) semântico-cognitivos que este vector espacial (*trás*) comporta. Apresentam-nos as formas gráficas que a tradição considera "palavras". Daí a dificuldade que têm, por vezes, em diferenciar semântica e lexicograficamente formas gráficas diferentes. Vejam-se as seguintes definições semânticas que o dicionário Morais apresenta para algumas formas deste vector:

- a) Tempo ou lugar posterior.
- b) Em lugar posterior ou oposto a.
- c) Após; depois de; em seguida; atrás de.
- d) Do lado oposto ao da frente; À retaguarda.
- e) Na parte traseira; na parte posterior de coisa ou pessoa que a está vendo.

Quem, nestas "definições" consegue descobrir qual a que corresponde a *trás* ou a *para/por trás*, *atrás*, *detrás* e *de trás de*? Qualquer uma se pode aplicar a qualquer forma.

Que estatuto morfológico e semântico se deve, então, atribuir não só a *trás*, como igualmente aos localizadores que englobam aquela forma?

Por tudo aquilo que dissemos, parece-nos forçoso colocar como centro nuclear, gerador de todas as formas o elemento *trás*. E como se deve entender este elemento? Uma palavra independente? Uma preposição ou advérbio?

No português actual, parece-nos que a forma *trás* não pode ser entendida como uma preposição: nunca pode aparecer sozinha junto a um verbo, não tem a mesma distribuição das preposições e insere-se **sempre** entre duas preposições. A sua distribuição é sempre Prep¹+*trás*+Prep², sendo Prep¹=*a, de (desde), por, para* e Prep²=*de*.

Por esta mesma razão, e como já longamente explanámos (3.2.), *trás* nunca pode ser um advérbio, nem fazer parte de uma locução adverbial: como se encontra sempre entre duas preposições (podendo a segunda, na ausência do Configurante ser implícita) faz sempre parte de uma locução prepositiva.

Se não pode ser preposição ou advérbio, então como deve ser considerada a forma *trás*?

A classificação morfológica europeia de tradição gramatical greco-latina não possui nenhum paradigma onde caibam unidades como esta. À falta de melhor, poderíamos chamar-lhe "núcleo de lexicalizadores espaciais" ou qualquer outra nomenclatura que referisse que é uma unidade correspondente a um modelo mental de localização espacial, unidade a partir da qual e através de várias preposições são construídas as formas dos configuradores espaciais de determinado vector. Isto implica que lexicologicamente a unidade *trás* não deve ser contraposta (como aparece na tradição lexicográfica) a *detrás* e *atrás*, mas que quer estas duas últimas, quer outras preposicionalmente construídas deverão ser consideradas constructos feitos a partir da unidade (que nem é lexema, nem preposição, nem advérbio) *trás*.

Uma prova auxiliar que parece corroborar a nível cognitivo as relações morfológicas que atribuímos a *trás* é fornecida por certos erros ortográficos.

Num dos inquéritos feitos a alunos do primeiro ano dos cursos de ensino (línguas) pedia-se que o aluno escrevesse se determinado objecto estava atrás ou à frente de um outro. E embora na própria folha do inquérito estivesse *atrás* correctamente escrito, para além de alguns casos duvidosos, em 10 inquéritos (que representavam 6,5% do total) aparece grafado *a trás*. E o curioso é que, a maior parte das vezes, na mesma folha, aparece, escrito pelo mesmo aluno, com certeza com poucos segundos de diferença, *atrás* e *a trás*.

Para se visualizar melhor a dualidade *atrás/ a trás* vejam-se as formas gráficas que o mesmo aluno, na mesma folha, escreveu (grafia dos próprios alunos):

a trás a trás atrás atrás a trás atrás
a trás a trás atrás atrás atrás atrás
a trás atrás atrás atrás atrás

Figura 12: Aluno A

Aluno B

Aluno C

à frente a trás atrás a trás ~~a trás~~ atrás
atrás atrás a trás atrás a trás

Figura 13: Aluno D

Aluno E

Aluno F

Aluno G

atrás atrás
atrás a trás ~~a trás~~
atrás atrás atrás atrás
atrás a trás ~~a trás~~ atrás

Figura 14: Aluno H

Aluno I

Aluno J

Se nos contentássemos com a clássica resposta "O aluno enganou-se porque é burro!" ficaríamos com o problema resolvido —ou melhor, sem problema. Mas como cada fuga a uma norma é simultaneamente obediência a uma outra norma, será interessante descobrir qual é a outra "norma anormal". O que acontece é que embora, muitas vezes, o falante/escrevente conscientemente saiba que *atrás* se escreve aglutinado, inconscientemente, no fundo, não vê razões para que assim seja, já que cognitivamente estruturou *atrás* tal como *para trás*, *de trás*, *por trás* como constructos (semântico-cognitivos) com uma base *trás*. Ou seja: a organização de todo o vector tem uma forma nuclear, sendo todas as outras formas construídas a partir dela. Sendo assim, tal como nas outras formas, a preposição terá grafia não aglutinada. Só que o erro foi o ter-se esquecido que aqui a norma ortográfica não traduz a "norma", melhor, o **modelo** linguístico-cognitivo.

Repare-se como determinados pormenores indiciam como nestes falantes a norma gráfica foi "atraçoada" pelo modelo morfo-semântico que o falante mentalmente construiu e

utiliza e que coloca *trás* no centro da configuração, sendo todas as outras formas dela derivadas.

Em primeiro lugar, é sintomático que em todos os casos, excepto num, apareça na escrita do mesmo aluno simultaneamente *atrás* e *a trás*. Isto prova, desde logo, que não foi por desconhecimento da norma gráfica que *a trás* foi assim grafado. Além disso, não se esqueça, no enunciado do inquérito estava escrita a palavra *atrás*.

Outros indícios mostram a luta entre a norma gráfica e o modelo mental. Assim, no aluno A, é interessante verificar que nas cinco formas que utiliza a separação entre o *a* e o *trás* vai-se tornando cada vez maior, como que a mostrar que quanto mais o modelo mental se impunha, mais a forma gráfica o procurava retratar. Nos alunos H e J, *atrás* aparece sempre aglutinado, excepto quando os dois alunos quiseram substituir *à frente* por *atrás*. Assim, nos dois casos, substituíram apenas *frente* por *trás*, ficando o *à* (mesmo com acento) separado, naturalmente, de *trás*. Este facto, prova indubitavelmente que os falantes reconheceram equivalência morfo-semântica entre *trás* e *frente*, tendo sido levados a esquecerem-se que tal equivalência não é traduzida pela norma ortográfica. No aluno F deve ter-se passado um processo mais complexo. Os primeiros localizadores que escreveu foram *perante* e duas formas *atrás*. Depois, ao emendar *perante*, escreveu por cima *a trás*, nitidamente separado. Imediatamente por baixo, viu o antigo *atrás* que já tinha escrito. Mas como mentalmente separava *a* de *trás* (como acabara de fazer, o que indica que era o modelo cognitivo e não a norma ortográfica que dominava naquele momento as suas estruturas mentais), o que ele realmente "viu" e interpretou⁽¹²⁾ foi apenas a palavra *trás* (na medida em que na estrutura cognitiva *trás* é independente das preposições com que ocorre). E como lhe pareceu apenas ver *trás*, antepôs-lhe a preposição *a*, separada, que, na realidade, já antes tinha aglutinado, ficando a forma final *a atrás* (a frase toda ficou *O cão corre a atrás da bola*).

Num outro inquérito, de duas respostas com *detrás* (na frase *O rato escondeu-se do gato detrás do móvel*) uma aparece grafada *detrás*, mas outra *de trás*. (Neste caso, a palavra *detrás* não aparecia no questionário fornecido). Mais uma vez, o deslize para a forma não aglutinada com *trás* revela simultaneamente a força do modelo organizador e como é esta unidade, *trás*, que constitui o núcleo gerador das outras formas.

(12) Já aconteceu connosco, nas aulas de Português para estrangeiros, em que uma aluna espanhola, médica, lia em vez da palavra DESCER a palavra DESCENDER. E mesmo depois de lhe ser pedido várias vezes para ler a palavra, ela várias vezes, perante toda a turma, lia (porque "via") DESCENDER. Só quando lhe dissemos para soletrar letra por letra, ela conseguiu ver a palavra que lá estava. Naturalmente que isto comprova factos de todos conhecidos: as nossas estruturas cognitivas, na leitura, não interpretam letra a letra, mas apenas descodificam a mancha gráfica constituída pela palavra total.

Outros localizadores espaciais se estruturam de modo semelhante, confirmando a relação morfológica e semântico-cognitiva que atribuímos a *trás*. Para além de *frente*, um outro é *cima*. A sua organização morfo-semântica é estruturalmente idêntica à de *trás*.

Para quase todos os dicionários, *cima* é classificado, pasme-se, como um substantivo ou nome feminino! Assim aparece no dicionário Moraes, no da Lello, no Aurélio, no Caldas Aulete, Cândido de Figueiredo, Augusto Moreno e Porto Editora (8ª ed.). À excepção do Caldas Aulete, que apresenta um exemplo de Herculano (*Uma brisa suave do norte varrendo as cimas dos pomares*), nenhum outro exemplifica possíveis usos do substantivo(?) *cima*.

A unanimidade é quebrada apenas em dois casos (de que temos conhecimento): no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, José Pedro Machado (1977) classifica *cima* como um advérbio e no dicionário de Mário Vilela que classifica *cima*, logo no início da entrada, como locução, dando à frente a explicação:

Cima utiliza-se como elemento de locuções adverbiais (*em cima*, *de cima*) ou prepositivas (*em cima de*, *por cima de*), ou ainda em fraseologias (*ainda por cima*). (Vilela 1991: entrada "cima")

Podemos verificar que *cima* tem o mesmo tipo de organização morfo-semântica que *trás*:

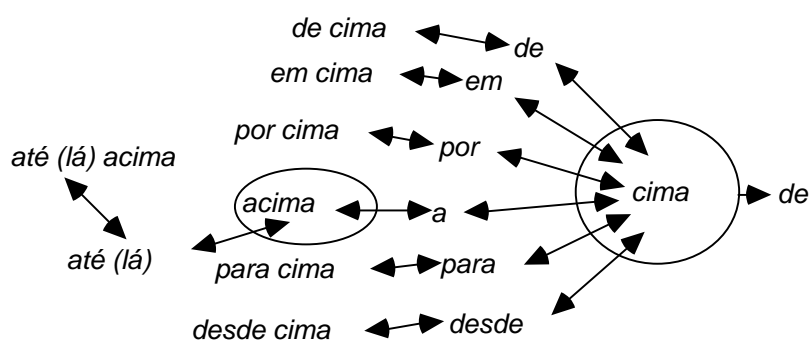


Figura 15

Há igualmente um núcleo para todo o modelo, núcleo esse que não tem existência sintagmática autónoma, aparecendo sempre no contexto $\text{Prep}^1 + \text{cima} + \text{Prep}^2$, sendo $\text{Prep}^1 = \{\text{de}, \text{a}, \text{para}, \text{por}, \text{até}, \text{desde}\}$ e $\text{Prep}^2 = \{\text{de}\}$. E do mesmo modo que em *trás*, as ditas locuções adverbiais são as locuções prepositivas sem o Configurante explícito: *em cima* implica sempre *em cima de X*, *de cima* implica sempre *de cima de X* e assim sucessivamente.

Tal como *atrás* relativamente a *trás*, *acima* já começou a cristalizar o significado de *cima* podendo-se-lhe juntar *até* (*lá*).

5. Implicações

Porque acreditamos que a língua é essencialmente um sistema destinado à comunicação e que se serve de todos os mecanismos cognitivos com que o ser humano é dotado, pensamos que se justificam análises como esta em que a descrição linguística deverá sempre tentar perceber as relações significativas que suportam as estruturas verbalizadas.

Dentro desta perspectiva, a interface feita entre os mecanismos cognitivos e a codificação linguística demonstra, quanto a nós, a óbvia necessidade de todas as localizações espaciais implicarem uma Figura, que é situada, e um Configurante que serve de referência. Assim, pudemos demonstrar que não pode haver diferença cognitiva entre *atrás* e *atrás de*, já que todas as verbalizações construídas sem o Configurante resultam apenas da ausência da necessidade de o explicitar verbalmente. A ser assim, ter-se-á forçosamente que concluir que não há justificação para, dentro dos localizadores espaciais, distinguir advérbios (*atrás*, *detrás*, ...) e locuções prepositivas (*atrás de*, *detrás de*, ...), facto que terá implicações na tradicional classificação paradigmática das chamadas partes do discurso da gramática tradicional.

Bibliografia citada

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, 1976, *Dicionário da Língua Portuguesa*, vol.1 (A-Azuverte), Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
- COSTA, J. Almeida e MELO, A. Sampaio, *Dicionário da Língua Portuguesa*, 7ª e 8ª ed., Porto Editora.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley, 1984, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Sá da Costa, Lisboa.
- FIGUEIREDO, Cândido, 1996, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 25ª ed., Bertrand.
- GARCIA, Hamílcar de, 1986, *Dicionário Caldas Aulete* (5 vols.), 5ª ed.
- MACHADO, José Pedro, 1977, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 3ª ed., Livros Horizonte, Lisboa.
- MACHADO, José Pedro, 1981, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Amigos do Livro.
- MORENO, Augusto, 1961, *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa*, 7ª ed., Editora Educação Nacional, Porto.
- MORAES SILVA, Antonio de, 1889, *Diccionario da Lingua Portueza* (2 vols.), Empreza Litteraria Fluminense.
- MORAIS SILVA, António de, 1949-1959, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (12 vols.), 10ª ed., Confluência, Lisboa.
- MORAIS SILVA, António de, 1980, *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa* (5 vols.), 10ª ed., Livros Horizonte.
- (s/ nome do responsável) 1996, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1ª ed., Lello-Editora Sistema J.
- SVOROU, Soteria, 1994, *The Grammar of Space*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia.
- TEIXEIRA, José, 2001, *A verbalização do espaço: modelos mentais de frente/trás*, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Braga.
- VIEIRA, Frei Domingos, 1871, *Grande Diccionario Portuegez ou Thesouro da Lingua Portueza*, 5 vols., Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes (Editores), Porto.

VILELA, Mário, 1989 "Contribution à l'étude des verbes de déplacement: aproche sémantique et syntaxique",
Línguas e Literaturas (Revista da Faculdade de Letras-Porto), II série, vol. VI, Porto.
VILELA, Mário, 1991, *Dicionário do Português Básico*, 2^a ed., Asa, Porto.